

**AS QUATRO ESTAÇÕES - THE FOUR SEASONS
EXHIBITION CATALOGUE
FOREWORD BY WILSON COUTINHO (PT + EN)**

Para situar o trabalho da artista plástica Christina Oiticica temos de voltar para o que foi a cena artística no Rio na década de 70, que cristalizou os movimentos experimentais surgidos em meados dos 50, com as inovações do neoconcretismo.

Neste aspecto, a artista é filha daquele era. O neoconcretismo se opôs ao rigor matemático do concretismo paulista e ao seu pragmatismo, que procurava inserir a obra de arte num processo industrializante. A intervenção dos cariocas foi evitar essa pragmática, para elaborar uma arte que demonstrasse a marca da subjetividade (não é custoso lembrar que o texto filosófico que fundamentava tais trabalhos era A Fenomenologia da Percepção do francês Merleau-Ponty), do corpo e da atuação co-autora do espectador com a obra, típica dos “bichos” de Lygia Clark – articulações metálicas mutáveis por esse “espectador” ativo.

Os anos 70 herdaram, portanto, uma base cultural e obras que desafiavam, basicamente, o suporte, tendo como palco de atuação a sala experimental do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que proporcionou estabelecer na cena carioca um padrão investigativo do fazer da arte. É certo, que Christina Oiticica também é participante da desconstrução dos anos 80 e 90, trabalhando com suportes tradicionais. Mais muito do seu trabalho pertence à base experimental daquele tempo. A peculiaridade de muito da obra da artista é trabalhar sobre o signo da fluidez e da transparência, visto, por exemplo, na instalação Carregador de Pérolas, de 1999. Na obra, usando sacos de filós bordados, pérolas e a sugestão de um jardim japonês, a artista criava uma espécie de ambiente filtrado, uma paisagem tátil, ótica e sensorial modulada pela idéia sensível da transparência. Além disso, há na artista uma sensibilidade cara em nosso tempo, que é o desvelar de uma percepção peculiar, que parece vir de uma poética do feminino, uma poética do íntimo feminino, para evitar qualquer comparação com as obras, muitas vezes panfletárias, do feminismo.

Wilson Coutinho

In order to place the work of Christina Oiticica, the artist from Rio de Janeiro, one must return to the art scene of the 1970s, when the experimental movements which appeared in the mid-50's were crystallised by innovations in neo-concrete art.

In this respect, the artist is a child of that period. Neo-concrete art is opposed to the mathematic rigidity of São Paulo's concrete art and to its pragmatism, and attempts to insert the work of art within an industrialisation process. The intention in Rio was to prevent that pragmatic approach, to elaborate an art form which retained its mark of subjectivity (it is worth recalling that the philosophical text on which such works were based was *Primacy of Perception*, by the Frenchman Merleau-Ponty) of the body and of the spectator's active participation in the work, typical of Lygia Clark's "beasts" – metallic articulations that can be mutated by the active "spectator".

The seventies inherited, therefore, a cultural foundation and works which challenged this basis, the stage for these activities being the experimental room at the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro. An investigative pattern of the way of making art in the Rio de Janeiro scene was thus established. Christina Oiticica also took part in the deconstruction, which occurred during the eighties and nineties working with traditional materials. But a lot of her work belongs to the experimental basis of that time. The peculiarity of most of the artist's work deals with the sign of fluidity and of transparency, seen, for example, in the installation *Carregador de Pérolas* (Pot of Pearls), made in 1999. In this work she used embroidered bags of tulle, pearls and the suggestion of a Japanese garden, creating a kind of filtered environment, a tactile, optical and sensorial landscape modulated by the sensitive idea of transparency. Besides that, the artist has a sensitivity which is very precious these days, the unveiling of a peculiar perception which seems to come from a poetry of the feminine, poetry of the intimate feminine, to prevent any comparison with the works of feminism, which almost always have political connotations.

Wilson Coutinho